

MEMÓRIAS DA DOENÇA NO PARANÁ DOS ANOS 30

Márcia Regina Ristow*

RESUMO:

A produção do conhecimento médico, como de qualquer outro, está sempre sujeito a uma demanda social que envolve lugares de produção, corpo de conhecimento já reconhecidos como pertinentes e o status dos construtores do novo saber. A partir de fragmentos de uma tese de livre docência, apresentada nos anos 30, à extinta Universidade do Paraná, esta trama é visível. Este artigo produz uma espécie de viagem entre autores, consumidores e ordem institucional do saber médico.

PALAVRAS-CHAVE: Institucionalização; Discurso, Operações.

ABSTRACT:

The production of the medical knowledge, like any other, it is always subjected to a social demand that involves places of production, body of knowledge already recognized as pertinent and the status of the builders of the new knowledge. From fragments of a thesis of free decency, presented in the thirties to the extinct University of Paraná, this conspiracy is visible. This article produces a type of trip among authors, consumers and institutional order of the medical knowledge.

KEYS WORDS: Institutionalization, Speech, Operations.

Um artigo, em meio à farta documentação da Biblioteca Pública do Paraná, assim apresenta aos leitores a temática com a qual se ocupa:

Cortando os últimos cabos que prendem um grande navio ao estaleiro, elle pôde se lançar por si à agua. É que, a energia cynética, que o navio

* Mestranda em História Social pela Universidade Federal Fluminense. Docente na Rede Municipal em Marechal C. Rondon.

recebe pelo córte dos cabos, lhe vem da gravidade, isto é, a atracção entre o navio e o centro da Terra, que é portanto a causa do movimento, transformada através do efeito provocador (córte dos cabos) em trabalho mecanico. A causa, portanto, aqui foi a gravidade e o córte dos cabos apenas um factor provocador ou condicional. (MACEDO, 1932)

Salta-nos aos olhos uma temática, no mínimo, inusitada. Sobre o que está discutindo o autor? Uma resposta imediata poderia dar conta de que se trataria de uma discussão acerca da física. Será mesmo?

O artigo é, em todo o caso, um material publicado. Está arquivado, catalogado, convertido, portanto, em uma espécie de *museu* colocado à visitação pública. Vários olhares fazem dele seu alvo: leigos e especialistas. Trata-se, portanto, não somente de um documento, mas de um monumento (FOUCAULT, 1996.). A Biblioteca Pública do Paraná, no setor *Documentos Paranaenses*, resguarda este e outros fragmentos de textos, produzidos no interior de uma pluralidade cultural. O ato de recorte, ou seja, arquivar este documento, denuncia uma ação de constituição de um tipo de memória, porque, afinal, ele foi escolhido em detrimento de muitos outros.

Este ato isolado do fragmento, pertence aos jogos do presente. É uma ação situada no tempo e no espaço, com a finalidade de demarcar com visibilidade as ordenações da existência. O fato de estar à visitação denuncia que o fragmento passou por uma *maquinaria de constituição* (FOUCAULT, 1986), para o uso e consumo, ou seja, com a finalidade de organizar uma cultura (CERTEAU, 1995).

O texto traz uma peculiaridade que, à primeira vista, parece-nos óbvia. Trata-se de um texto escrito, e, em letras de imprensa. (Ele bem que poderia ser manuscrito. A seção *Obras Raras*, da mesma biblioteca, coloca alguns textos manuscritos para a satisfação dos afoitos pesquisadores). Em se tratando de um texto impresso, ocorre-nos que a *maquinaria* que lhe criou sentido, destinou-o a um público bastante específico. Um público literato. Escritores e leitores. Um grupo específico, consumidor de um tipo de escrita, como demonstrou Roger Chartier (CHARTIER, 1998). Mas, qual é a face destes consumidores restritos? Qual é o interesse que os mobilizam?

O ato seletivo do texto em questão envolveu não somente a classificação à biblioteca. Em outras partes do mesmo texto, fica evidente o indício de outros sujeitos envolvidos na produção: "*a nossa presença aqui, no limiar d'este Templo de Perseverança, Amizade e Saber, não é trazida pelo*

esplendor do cargo a que concorreremos; que isso seja apenas o pretexto para que possamos, de novo, estar convosco e da vossa nobre companhia que já se nos faz saudosa, auferir novos ensinamentos, novos conselhos. É esse o nosso intento.” O autor dialoga de forma direta com um “nós”. O uso dos termos “nossa e convosco” cria elementos de conversação, quando parece ser um diálogo entre pares iguais, contudo, envoltos em clima de retórica diplomática. Há uma amistosidade no diálogo. Talvez seja criada pelo “esplendor do cargo a que concorreremos”. Mas, este “clima” que o autor emite, cria mais indícios de compreensão: o texto é uma emissão. O autor dirige a palavra a uma ou a várias pessoas, num tom amistoso.

A escrita do texto deixa claro que o ator deslocou-se para onde é travado o diálogo: *a nossa presença aqui...* Há um lugar onde a troca ocorre. Ele utiliza, novamente, uma metáfora para descrevê-lo: *Templo de Perseverança, Amizade e Saber*. Somente uma única vez ele faz menção ao *Templo*. Isto, talvez, queira dizer que a estratégia da retórica não precisa ser recorrente, ou que não se sinta um estranho com o local e com aqueles com os quais trava o diálogo. A qual templo se refere? Somente no final das 46 páginas, como quem usa este recurso como tática de escrita, ele passa-nos a indicação, trata-se da Universidade do Paraná. A metáfora que o autor utiliza para descrevê-la, pode passar-nos a forma de pertencimento no campo da produção do saber que a instituição tem para estes leitores e produtores eruditos.

O nosso “achado”, até o momento, deu-nos conta de perceber que se trata de um diálogo de especialistas travados no interior de uma instituição. Conseguimos perceber alguns dos elementos que Manqueneau considera fundamental para a produção do texto escrito: “é preciso levar em consideração: o quadro de instituições que restringem fortemente a enunciação; a cristalização de conflitos históricos; a delimitação de um espaço próprio no exterior de um interdiscurso” (MANGUENEAU, 1989).

Ocupemo-nos, agora, mais sobre esta última questão apontada pelo autor. O espaço exterior de um interdiscurso. Embora nos falte ainda o elemento principal que é o conteúdo discursivo, seguramente, damos-nos conta de que se trata de uma formação discursiva. Em Michel Foucault (FOUCAULT, 1986), temos a definição de que a formação discursiva é “um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço que definiram, em uma época dada, e para uma área social, econômica, geográfica ou lingüística, as condições de exercício da função enunciativa.”

Pelos elementos que já conseguimos colocar em correlação, trata-se

de um saber autorizado. Está classificado para ter existência enunciativa, à medida que foi produzido no interior de uma instituição, por especialistas e resguardado pela memória de arquivo. A trajetória demonstra bem um procedimento que caracteriza a produção de conhecimento desde o século passado, quando a busca da verdade cartesiana consolidava a exclusividade no exercício do crivo metódico para especialistas e instituições. Ela é uma condição para o surgimento da doutrina (BOURDIEU, 1996). Sobretudo, porque ela é gestada enquanto exercício.

Ao adentrar mais o texto, é possível perceber mais claramente a metáfora que cria a organicidade do interdiscurso:

não procuremos encobrir as fontes onde fomos aurir ensinamentos, dando-lhes fôrmas diversas, pois que, em *sciencia*, a fôrma na expressão não tem o mesmo valor que a phrase na literatura, as linhas no desenho ou na esculptura; o que seriam dos enunciados dos theoremas em Geometria, das leis em Physica, si cada autor de livro lhes dêsse uma fôrma nova?! (MACEDO, 1932)

Ainda não é possível saber a especialidade do saber em questão. É possível saber, como na citação inicial, tratar-se de um homem de ciência que *fala por uma* formação discursiva. Mas um outro elemento pode ser aglutinado: o enunciado de nosso autor coloca-se em concorrência com outros tipos de saberes que são a literatura, a escultura e o desenho, como ele mesmo aponta. Possivelmente, o número de concorrentes seja bem maior. Eles são chamados a confirmar a doutrina forte, a sua emissão. Como uma espécie de saberes concorrentes, a literatura, a escultura e o desenho são enumerados como áreas de conhecimento que afirmam e confirmam o seu enunciado.

A narrativa, porém, insiste em colocar em cena alguns saberes *científicos*: “o que seria dos enunciados do Theoremas em Geometria, das leis em Física, si cada autor de livro lhes dêsse uma forma nova?!” Estaria o autor confirmando a velha classificação de hierarquização entre “Ciências Físicas e Ciências Humanas?”.

Esta citação nos revela algo mais que o discurso diz. No final da última frase, - *si cada autor de livro lhe dêsse uma fôrma nova?*, duas questões podem ser inquiridas. Em primeiro lugar, a doutrina da qual este grupo de eruditos se ocupa, precisa manter uma coesão na forma. É condição para ser *sciência*. Em segundo, que há uma hierarquização entre os

eruditos senhores, *pois si cada livro lhes desse uma forma...*, então, há dentro o grupo, uma elite. São os produtores. Há, portanto, também uma comunidade de leitores.

Uma questão, então, está colocada. Trata-se de uma prática discursiva de homens de *sciência*. Num outro fragmento, lê-se a seguinte afirmação: “estudam-se typos dos quaes se descrevem os caracteres; esta descrição não é outra cousa senão a synthese de um grande número de casos isolados, cujos phenomenos principaes e constantes têm sido cuidadosamente recolhidos e classificados; nesta fusão necessária para a descrição didática, muitos traços interessantes têm desaparecidos.” As duas frases iniciais deixam claro a *legibilidade* das relações de funcionamento discursivo. Trata-se dos “princípios operatórios da técnica” para os quais nos chama a atenção Michel de Certeau e que “*certamente, entram no caminho de uma sofisticação indefinida que atende à diversificação da procura, ela mesma, aliás, compreendida no sistema, mapeada e analiticamente repartida num espaço que tem como essência ser um artefato legível, um objeto oferecido de um extremo a outro aos percursos de um olho imóvel.*” (CERTEAU, 1995)

Uma legibilidade irruptiva. Podemos, com certeza, usar da máxima ironia num trocadilho. O texto é a cultura; o inverso também é verdadeiro. É preciso notar que a maquinaria que torna a doutrina legível, da qual estamos falando, não é o *non sense*; é uma funcionalidade que depende de procedimentos situados e dos quais nos fala brilhantemente o texto em análise: a necessidade de uma forma obtusa, uma descrição, comparação e classificação (FOUCAULT, 1992).

A derradeira frase da última citação, no entanto, deixa-nos atônitos e conduz, novamente, ao inusitado. “Nesta fusão necessária para a descrição didática, muitos traços interessantes tem desaparecido.” Estaria o autor contradizendo a *sciencia* que, até o momento parecia estar defendendo, ao afirmar que o procedimento descritivo está favorecendo a perda de traços importantes?

Talvez o enunciado traga resposta mais clara. Na seqüência do texto, ele confirma:

lançando nossas vistas à Natureza, um espetáculo maravilhoso nos empolga: - a variedade do porte da pequena formiga ao formidável elephante; do minúsculo inseto à soberba águia; da gramma rasteira ao pinheiro altivo; a variedade das cores das asas das borboletas, nas pennas dos pássaros, nas pétalas das flores - que muitas vezes o pintor não as encon-

tra em sua paleta; a variedade do som, desde o maravilhoso cântico do canário ao amedrontador rugido do leão; a variedade do perfume... (MACEDO, 1932)

Um cântico à natureza! Maravilhoso panteísmo. Mas, não é somente isto. Nas entrelinhas, ao usar o recurso comparativo, o autor deixa clara a sua convicção de uma forma de evolucionismo entre as espécies, capaz de encher de orgulho um defensor do darwinismo. Faz, realmente, lembrar alguns capítulos de história natural, tão bem conhecidos dos historiadores e sociólogos, especialmente.

Mas, afinal, o que quer dizer *muitos traços interessantes desaparecidos*? Uma outra parte do texto talvez traga melhores esclarecimentos. “*Da observação de casos isolados de caractheres semelhantes, vem logo a idéia de reuni-los num typo ideal... mas de modo singular e abstrato, é uma simples concepção theorica, fictícia, do nosso espírito, um termo médio dos estados variáveis de capacidade adaptativa do organismo.*” Há um elemento a mais. Embora reafirme que há um trabalho de abstração na *sciencia* de que é adepto, está também dizendo que um *typo ideal* seria apenas um termo médio de *estados variáveis de adaptação do organismo*. Então, duas questões estão sendo ditas. Antes de tudo, que é um hábito deste tipo de ciência, recorrer ao trabalho de abstração porque *vem logo a idéia de reuni-los* - embora já tenha deixado claro as suas reservas em relação a este procedimento; em segundo, que se entende que o organismo desempenha um exercício adaptativo e que, catalogá-lo em um tipo ideal, seria insuficiente para compreendê-lo. Daí, o porquê de estar insistindo em dizer que muitos traços têm desaparecido. O exercício de catalogação e de classificação não dão conta. Não se trata, portanto, de negar os conhecimentos das *sciencias*. Esta constatação bem nos faz lembrar das palavras de Foucault a respeito da genealogia do saber. Onde há uma indicação de contradição ou negação é, na verdade, um exercício de funcionalidade, ou seja, uma prática discursiva que tem como finalidade conservar o corpo doutrinário. (FOUCAULT, 1986) É uma mobilidade própria ao pensamento, que constitui o sujeito e o objeto, alvo de sua análise.

Mas, ainda nos parece pouco para sabermos de que tipo de *sciencia* se trata. Sabemos, porém, que o organismo é seu objeto. Objeto hábil. Vejamos: “*assim, a vida não se entretém e não se desenvolve senão por perpétuos empréstimos a esse meio e por contínuas trocas com elle para que as matérias úteis, que existem nesse meio, sejam absorvidas e assi-*

miladas e que as trocas se realizem de conformidade com as necessidades orgânicas.” Isto não nos diz, ainda, de que tipo de organismo se trata: se animal ou vegetal. Busquemos mais.

Sendo a vida função do corpo vivo e do meio, como um e outro estão sujeitos a contínuas mutações, compreende-se como a vida apresenta por isso mesmo contínuas variações paralelas às das suas condicionantes. Muda o corpo com as idades e com as demais influências hereditárias, muda com o mesmo resultado variável da vida: é uma mutação e evolução interessante, uma transformação contínua. (MACEDO, 1932)

Três novos elementos entram em cena. Corpo, idade e hereditariedade. Ainda não é possível ter segurança em afirmar, mas trata-se de um corpo estudado na sua relação com o tempo e suas heranças genéticas. Parece que se fala sobre o corpo humano. Não esqueçamos, contudo, que a gênese das ciências que fizeram do corpo seu objeto de estudos, confrontou-se primeiramente com uma teologia. Por esta razão, bem pode o nosso autor estar se referindo à genética animal. Porém, temos clareza de que se trata de uma formação discursiva que se ocupa com a evolução biológica. Antes de prosseguirmos, tateando o “artefato legível” que quer construir este discurso, vejamos um pouco mais o como o autor descreve o “câmbio”, como ele próprio diz, entre natureza e corpo.

Do mesmo modo, em relação às variações do meio, o organismo se adapta; por meio especiais. Si diminue, por exemplo, a temperatura ambiente, os vasos periféricos se contraem, há menor desperdício de calor e por outro lado à produção deste é maior, pelo aumento das oxidações; si se eleva a temperatura, phenomenos contrários se observam, há dilatação dos vasos da pelle, aumento da secreção sudorípara e assim há desperdício de calor pela irradiação e evaporação, mantendo-se a temperatura orgânica constante. (MACEDO, 1932)

São cuidados com o corpo. Esta *sciencia*, que *fala através* de nosso autor, prescreve uma vida externa e interna do corpo. A externa, que já nos é clara, devido a esta analogia horizontal que ocupa toda a sua exposição, com a natureza; uma interna, seriam os mecanismos especiais de adaptação.

A adaptação é, realmente, para o seu pensamento, o elo que aproxi-

ma, ou melhor, liga corpo e natureza. Por isto desenvolve mecanismos especiais porque “são mecanismos reguladores que mantêm o equilíbrio entre organismo e o meio, adaptando-o a cada momento às condições cambiantes da sua existência, de modo a manter inalterável a vida no seio das variações contínuas que o envolvem”. É a grande questão. A mobilidade ao meio.

Embora colocada a questão da ação-reação, temática da qual se ocupa a gênese da ciência, as coisas não se resolvem assim tão simplesmente. Ao insistir na relação “cambiante” entre o corpo e a natureza, afirma, ao mesmo tempo, estar se referindo à matéria viva. Mas, a questão que se coloca é esta: de onde parte, no arquétipo por ele descrito, a ordem ao movimento? Passemos-lhe a palavra:

O systema nervoso exerce, no organismo, uma dupla função: por o organismo em relação com o meio e ligar entre si as diversas partes deste organismo. A primeira função elle exerce por meio do systema cerebro-espinhal; a segunda pelo systema sympathico ou organo-vegetativo. Este último, pelos nervos dos movimentos involutários, pelos nervos vaso-motores e pelos nervos trophicos (secretores, inhibidores, tonicos, thermogenicos, etc.). Liga todas as funções entre si, mantendo a sua solidariedade. Estabelecem-se assim, ente as múltiplas partes do organismo, uma *synergia* e unidades funcionais, constituídas por mecanismos de correlação interorganica. (MACEDO, 1932)

Finalmente, então, conseguimos compor quase todo o quadro - ainda nos falta saber a sua especialidade como profissional, para podemos categorizar melhor o tipo de discursividade. O sistema nervoso é o centro do organismo. A funcionalidade perfeita é a *synergia*. Parece que, desde a dicotomia descrita por Aristóteles, há uma busca frenética para reunir novamente o que ele, pelo verbo, dividiu.

A *synergia*. Somente agora podemos entender a narrativa do navio no estaleiro que se lança ao mar. Era uma metáfora do desequilíbrio do corpo. Um corpo em funcionamento, cujos “cabos” eram os nervos e os vasos; o ato de se lançar ao mar é a perda de equilíbrio; a energia sinética é a força de gravidade, a atração entre o navio e o centro da terra. Uma analogia da funcionalidade corpórea. Para construí-la, ele recorre às imagens da física, da mecânica e da geometria. Newton deve estar contente. Os seus pressupostos, finalmente, são lidos para além da física.

A chave para resolver a incógnita está colocada. O que quer dizer a perda do equilíbrio *synético*? “*É esta synergia mais ou menos perfeita, que, permitindo a adaptação contínua às variações do meio, nos dá o estado de saúde.*” Aí, está, portanto. Trata-se de um discurso médico. Ocupa-se com a saúde do corpo; ou, deveria dizer, com o estado de saúde, porque para ele, “estado de saúde resulta do estado de synergia funcional mais ou menos perfeito, que permite ao organismo adaptar-se às variações do meio, compreende-se que o estado pathologico deve resultar da incapacidade funcional a essa adaptação.”

Saúde e doença no corpo, cujo equilíbrio está num todo, numa energia. Seria uma espécie de espírito? Uma independência do corpo em relação à natureza? Um princípio de liberdade? Estas indicações o texto não nos dá. Seria necessário olhar em volta. Mas foi suficiente para mostrar os indícios do recorte temporal em que o diálogo médico está sendo travado.

O título do trabalho é bastante significativo: **Só há doentes, não há doenças**. E mais. Trata-se de uma “These de concurso para Docente-Livre da Cadeira de Pathologia Geral, apresentada à Universidade do Paraná, na década de 30. O nosso arguto autor chama-se Dr. Heitor Borges de Macedo. Estes sinais foram perceptíveis pela tessitura do texto: a retórica, os elementos de conversação etc. Também parece evidente, agora, tratar-se de um saber classificado. Contudo, é um tipo de discurso médico. O dos anos 30, no Paraná. Uma forma, ou deveria dizer, uma fórmula de dizer a profilaxia da população do Estado. Seria forçoso dizer que esta fórmula se perdeu. O saber médico, aliado às descobertas da física e da biomecânica. É um tipo de saber dos mais especializados, nos termos em que aqui estamos discutindo. O que temos, então, nos anos 30, é um modo bastante específico de perceber momentos de constituição do saber médico. Uma funcionalidade do discurso, em um momento em que o saber se refina.

O que hoje, com certeza, não ouviríamos da profilaxia médica, é a preocupação com o corpo do doente. Podemos perceber, pelo texto colocado em questão, que há uma preocupação em acompanhar o ambiente, a hereditariedade, a alimentação, o clima. Enfim, fica evidente uma preocupação em tratar o corpo doente e não uma doença. Parece ser este o marco fundamental do especialismo da maquinaria do saber médico: o doente é distanciado. Não se domina, ainda, um saber sobre a doença porque não se conhece ainda completamente o corpo.

É com ela que se debatem os cientistas. Ela, afinal não está catalogada, conhecida, domesticada. O texto de Heitor Borges de Macedo, ao citar

autores que lhe criam autoridade a falar, revela, pela escrita, um certo espírito de época, ou, pelo menos, uma forma bastante recorrente de um saber institucional que busca responder às questões da assepsia do corpo. O seu interlocutor principal é o professor e médico sanitarista Nilo Cairo. Na História da Saúde do Paraná, Nilo Cairo foi, sem dúvida alguma, a figura de maior imponência e respeito acadêmico, deixando um número bastante expressivo de publicações. Além desta eminente figura, cita frequentemente Val de Grace, da Faculdade de Lille, J. Rieux, Jaccoud, Annes Dias, Tendello e muitos outros “doutores” do seu tempo.

Eles retratam, seja do corpo humano, seja do corpo metáfora, o corpo do Estado Nação. Afinal, é do enfrentamento da natureza – o solo, a água, o clima do Estado – que o homem sadio ou o homem doente é alvo da ciência médica. Há uma evidente cumplicidade entre a arte de produzir conhecimentos e a racionalidade institucional do saber, uma vez que Heitor é médico renomado do Estado do Paraná, está dialogando a partir da Universidade e do curso de Medicina. Uma ordem institucional racionaliza, então, não só uma cena ao saber, mas, um deslocamento social em forma de práticas de intervenção. Devido ao fato de permanecer na memória, projetou-se como artefato de organização cultural do seu tempo, 1930.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Linguísticas. O que o falar quer dizer*. São Paulo: EDUSP, 1996.
- CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano*. São Paulo: Vozes, 1995.
- CHARTIER, Roger. *A Ordem dos Livros. Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. 2 ed. Brasília: Editora da UNB, 1998.
- F. *As Palavras e as Coisas. Uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 1982.
- FOUCAULT, Michel de. *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense, 1986.
- MANGUENEAU, Dominigue. *Novas Tendências em Análise de Discurso*. São Paulo: UNESP, 1989.
- MACEDO, Heitor Borges. *Só há doentes, não há doenças*. These de concurso para Docente Livre da Cadeira de Pathologia Geral da Faculdade de Medicina do Paraná. Curitiba: Empresa Gráfica Paranaense, 1932.

Recebido para publicação em 06/09/2001

Aceito para publicação em 05/10/2001